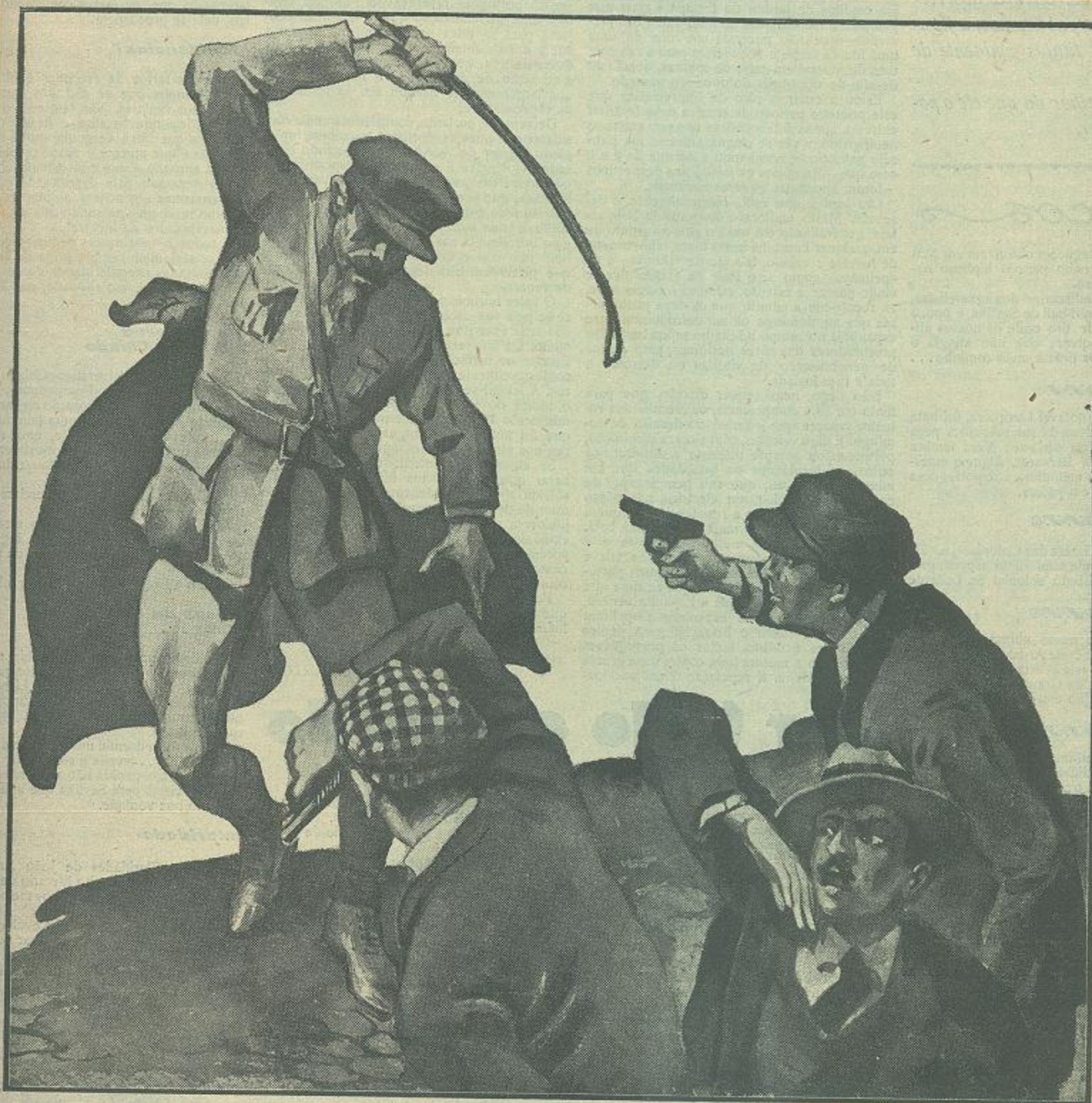
NUMERO 19 — PREÇO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES.

O atentado contra o comandante geral da policia

(Reconstituição segundo depoimento duma das poucas testemunhas presenciais).

O sr. Ferreira do Amaral, prestigioso comandante da policia civica, é atacado a tiro na esquina da Rua de São Marçal—ao que parece por elementos afectos á chamada 'legião vermelha"—e defende-se energicamente dos seus agressores.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — LISBOA 24 DE MAIO DE 1925 — N.º 19

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

O DIA DE CARLOS REIS

Thomaz Ribeiro Colaço, o nosso brilhantissimo colaborador, um dos poetas de mais fulgurante estilo da moderna geração, celebra nos versos que adeante publicamos, a figura a todos os titulos eminente de Carlos Reis.

Ninguem melhor do que ele o poderia aqui fazer.

écos

OS cavaleiros portugueses obtiveram em Madrid um belo exito para o hipismo nacional. Valha-nos isso.

Depois do triunfo indiscutivel dos aguarelistas, veio o fiasco do foot-ball de Sevilha, e pouco antes o concurso de tiro onde os nossos atiradores levaram polvora que não atingia o alvo e deixava belos tiros a meio cominho...

VERA de Lima, a notavel escriptora, foi uma interprete deliciosa da sua magnifica peça «Milagre». Na plateia dizia-se: Vera lembra pelas atitudes Sarah Bernardt. Alguem acrescentou: tem a mais melodiosa voz portuguesa que se tem ouvido em palcos.

RECEBEMOS a «Gazeta das Colonias», n.º 22, que se apresenta com ótimo aspecto grafico. Dirige-a o distinto colonial Sr. Leite de Magalhães.

PUBLICAMOS na nossa ultima pagina um admiravel «cliché» de Arnaldo Garcez. Não precisa de elogios este artista fotografico, que com a reportagem da Grande Guerra marcou a sua grande posição entre os «kodakers» internacionais.

RECEBEMOS o ultimo numero da Revista Teatro, explendidamente colaborado e que mantem as grandes tradições do brilhante magazine.

RECEBEMOS entre muitos jornais o semanario, curioso e original: «Mulheres do Norte».

PRATO DE RESISTENCIA

A sogra: —Amanhã teem-me cá a mim para o jantar...
O genro: —Assada na grelha ou de escabeche?

questão prévia

DEIXEM-ME ter este desabafo e não m'o levem á conta de maledicencia facil ou de desapego pelas coisas da minha terra!... Eu fui, eu sou das poucas pessoas deste rincão—cujos creditos de jardim de Europa á beira-mar plantado a inconstancia do tempo tem comprometido—que não puzeram em volta da alma uma fita de crepe e não vieram para a rua com cara de funeral em carro de colunas, depois do desafio de «foot-ball» do domingo passado.

Estou a ouvir o côro de imprecações que este primeiro periodo da cronica deve levantar entre as almas futebolisticas (deixem passar o neologismo, a vêr se vinga), ardendo em puro zêlo patriotico e ruminando a derrota do 2 a 0 com que—dizem-nos os jornalistas desportivos—foram apontadas as côres nacionais.

Ora aqui é que está, essencialmente, o desabafo. Muito embora o desporto da bola esteja generalisado em todo o país ao ponto de em qualquer Lourinhã irmos topar «sportsmen» de barrête e cajado, falando de «shoots» e de «penaltys» como se o Paiz de Galles tivesse vindo passar a estação calmosa á nossa terra, eu recuso-me a admitir que os onze portuguêses que no domingo ultimo defrontaram onze espanhois no campo do Stadio sejam bastantes procuradores das côres nacionais, para efeitos de generalisação de vitorias ou derrotas a toda a raça lusiada.

Não nego, nem sequer discuto, que para tanto me falta competencia, os meritos dos valentes rapazes que jogaram no desafio de domingo. E digo valentes, com sincera admiração, porque estou sempre disposto a admirar nos outros as faculdades ou qualidades que em mim falecem e eu, que sou bem incapaz de correr para apanhar um electrico, não posso deixar de reverenciar a resistencia de quem anda a correr hora e meia atraz duma bola. Não nego, dizia, os meritos, a tecnica e a «association» (coisa em que muito se fala e que eu não sei o que seja) do «team» português, mas não posso admitir que se diga que Portugal foi vencido e que a Espanha venceu, porque duas vezes os espanhois impeliram uma bola de couro e borracha para dentro dumas rêdes e outras tantas os portuguêses bateram com a mesma bola contra uma grossa trave de madeira. A reputação duma nacionalidade não pode depender do facto duma bola ir dois centimetros mais acima ou mais abaixo contra uma trave, num campo desportivo.

Não, meus amigos! Se admitirmos que o «onze» espanhol representava a Espanha e o «onze» português representava Portugal, fazemos uma generalisação que é igualmente injusta para as duas nações, porque lançamos sobre o país inteiro a vergonha e a magua duma derrota e sobre a nacionalidade visinha a acusação de deslealdade e incorrecção, de que largamente se fizeram eco os jornalistas da especialidade.

Deixem-me, portanto, consoladoramente considerar que onze desportistas espanhois, inpingindo regras de *foot-ball* e imprimindo escusadas violencias á sua acção desportiva não comprometem as tradições de cavalheirosa lealdade, que sempre foi timbre do nosso visinho do lado e que onze portuguêses, correndo sobre a lama atraz duma bola sem que consigam introduzi-la nas rêdes do adversario, tambem não conseguem significar que a raça a que pertencem está depauperada e é incapaz de vencer.

O valor intrinseco das nacionalidades conhece-se pela sua acção civilisadora e pelo animo dos seus exercitos, que são o proprio povo armado. Os francezes, por exemplo, não são na Europa os melhores fute-bolistas, mas são incontestavelmente os mais combativos guerreiros. A adotar-se o criterio de que o *foot-ball* é o indice do valor dum povo, teriamos hoje o minusculo Uruguay a dominar o mundo, porque foi um *team* de uruguayanos o que venceu nos ultimos jogos olimpicos.

Se algum dia a Sociedade das Nações deliberar que os conflictos internacionaes se resolvam a *goals*, ordenemos então o nosso *team* de dez Nun'Alvares, com a padeira d'Aljubarrota em guarda-rêde, porque vai nisso empenhada a honra e a vida da nação. Até lá, porém, deixemos as vitorias e derrotas circunscritas á paixão desportista e á emulação, como estimulo, de clubs e jogadores,

Perdoem-me os apaixonados este desabafo, que creio não estar absolutamente ofside dos limites da razão.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

A estatua assassina

Na monotonia da vida quotidiana surgem, por vezes, factos que além de impressionarem por si mesmo, pelos seus aspectos visiveis, egualmente impressionam por parecerem revelações d'uma vontade fatal e misteriosa, que de vez em quando se quer manifestar aos simples mortaes, em cujos destinos exercem influencia...

O celebre esculptor italiano Giuseppe Marengoni acabara de ter um triunfo na exposição artistica de Monza, com a sua enorme estatua representando a Medusa, a deusa que petrificava com um terror vingativo.

Voltava a estatua ao atelier do artista, e quando os operarios a estavam desencaixotando, eis que tudo aquilo cae sobre o esculptor, autor da estatua, e lhe dá morte instantanea, na presença dos seus filhos.

... Seria a deusa do terror vingativo a querer castigar quem ousara reproduzir os seus traços?

Ao polo em avião

Ha homens cuja tenacidade de vontade é realmente ferrea.

Assim, chega-nos a noticia de que o grande explorador Amundsen só está á espera que o tempo melhore para encetar o seu vôo ao polo norte em avião. Os aparelhos estão já escolhidos, e diariamente se teem feito experiencias.

O cavalo derrotado

Possue a Inglaterra um ilustre corredor, W. Hart, que ha pouco tempo bateu, correndo, um veloz cavalo, na pista do Palacio de Cristal em Londres.

Pois o mesmo campeão pedestre prepara-se para em breve bater, numa feroz corrida entre o centro de Londres e a cidade de York, com ida e volta, dois cavalos: um na ida, outro no regresso.

Já não é só no dominio intelectual que o homem quer ser o rei dos animaes.

Uma causa velha de 11 seculos

No tribunal superior da pequena republica de Andorra está-se julgando uma causa sobre direitos de propriedade, baseados num contracto originario do seculo IX.

Conhecidas como são as tricas e manhas correntes no mundo dos tribunaes, não será para admirar que a sentença definitiva só venha a ser pronunciada de aqui a mais alguns seculos.

SPECTATOR

comentarios

aspetos

Chamamos a atenção dos leitores para um artigo que publicamos na pagina desportiva, sobre uma grave e interessante questão que se prende com a moderna fisionomia social: «o profissionalismo no sport». Por muito restricto que o assumpto pareça á primeira vista, a verdade é que o «sport» tem, nos ultimos anos, ganho tantos adeptos e tão fervorosos cultores, que se justifica que espiritos um pouco mais largos do que os meros comentadores tecnicos, dele se preocupem.

providencias!

Estamos fartos de reclamar contra os roubos contínuos que se dão nos correios e de que sômos victimas. Não tem essa corporação uma policia que fiscalise e irradie esses funcionarios que são a vergonha duma classe que se presa e que merece o nosso respeito?

Esta situação é que é insustentavel. Desaparecem semanalmente dezenas de exemplares que enviamos aos nossos assinantes e que estes não recebem—passando nós aos seus olhos como relaxados ou incorretos.

A todos os assinantes pedimos que desculpem e reclamem sempre junto da administração contra as irregularidades de envio de jornais—dos quais, em absoluto, não temos responsabilidade.

uma taberna em pleno Chiado

Em pleno e aristocratico Chiado, entre o Lopes das flores e a «Pompadour», em frente ao «Tauromaquico, no coração elegante e mundano de Lisboa — existe uma taberna imunda!

E' uma tasca repugnante, onde decelitram galegos e pedintes, ás mais movimentadas horas da tarde—e a tasca é pertença do «Val-do-Rio.»

A' Camara Municipal recomendamos aquele «bijou» de estetica.

Mas, o mais curioso é que o mesmo «Val-do-Rio» possue em excentricos lugares lojas optimas, bem instaladas, cheias de reluzentes cristais.

Para o Chiado é que foi aquele mimo...

coisas da gente...

Ha alguns anos uma companhia americana, especialisada no revestimento dos pavimentos das ruas, ofereceu á camara de Lisboa, cidade que escolhia para amostra na Europa, alguns quilometros quadrados de bom piso para as ruas da Baixa.

A proposta dormiu nos arquivos da Camara, que decidiu... leva-la a concurso!

A citada companhia não respondeu e mudou as suas vistas para Sevilha que utilisou desde logo tão boa vontade.

«claridade»

O livro «Claridade» de João Ameal, que constituiu o maior exito literario deste fim de «saison»—tem despertado, nos meios literarios do norte, funda impressão.

Alguns jornais referem-se á evolução do moderno escriptor colocando-o a par dos mestres prosadores consagrados.

PONTO DE VISTA

ELA—O senhor, nesses casos, tem só um irmão. É curioso... sua irmã tinha-me dito que tinha dois...

O que se lê

AMANHECER—Versos de Maria Helena—(Lisboa, 1925).

Como a poetisa Maria Helena é ainda muito nova (a crêr nos «zuns-zuns» das livrarias e a julgar pelo retrato que—sem uma razão evidente—acompanha o seu livro de estreia), tomo a liberdade de lhe falar com a maior semcerimonia.

Tenho a certeza de que não vai zangar-se: no seu livro ha vestígios duma bela inteligencia.

«Amanhecer» é, de facto, uma colecção de poesias alvorescentes, ainda muito longe dum «zenith» de Perfeição, mesmo que a boa vontade faça descer a Perfeição a um paradoxal nivel de relatividade..

Na sua maioria, são dêstes versos que se escrevem num livrinho de capa de oleado, que se leem aos parentes e amigos e que, mais tarde, quando a nossa visão critica é operada de certas inevitaveis cataratas, a gente guarda como curiosidades e se envergonha de mostrar. Maria Helena ha-de arrepender-se de ter dado a publico o seu livrinho de capa de oleado.

Se estivessemos em presença duma destas senhoras que, por obediencia á moda ou por não terem mais que fazer, publicam um volume de versos, é claro que o arrependimento nunca chegaria, porque, a todo o tempo, a sua vaidade se sentiria feliz á vista da inofensiva brochurazinha que, a maior parte das vezes, nem sequer é precoce...

Mas, porque tenho a certeza de que, realmente, apareceu mais uma verdadeira poetisa —e, entre nós, quasi não chegam a meia duzia! —, penso que teria sido mais vantajoso aguardar pacientemente que florescessem de maneira esplendida e categórica tôdas as qualidades em embrião que já tão bem se adivinham nêste «Amanhecer».

Daqui a dois ou três anos, Maria Helena não publicaria os seus sonetos de amor, rematados por aqueles conceitos sinteticos «tipo Virginia Victorino», de que tão deselegantemente se vem abusando sem a menor consideração pelos direitos da sua gloriosa autora.

Daqui a dois ou três anos, Maria Helena vai, talvez, dar-nos um livro cheio dum sereno lirismo objectivo—do que, segundo me parece, melhor quadra ao seu temperamento de contemplativa—, um livro que virá muito senhor de si, muito pessoal, orgulhoso mensageiro de Apolo, a dizer que nasceu mais uma estrela... Assim seja.

NOTA—No último número, na crónica referente ao livro «Claridade» de João Ameal, saiu uma gralha tão comprometedora como disparatada. Onde eu tinha escripto «atitudes morais», o compositor entendeu «atitudes sensuais».

Foi só isto...

Que João Ameal desculpe ao «meu colaborador», porque eu já não tenho generosidade para tanto.

DIFICULDADE

—Disseram que se usa agora muitos moveis «ad-hoc».
—Sabe onde se vendem?

Crónica alegre

A pensão de Dona Balbina

Aos cincoenta e dois anos de idade, D. Balbina encontrava-se inconsolavelmente viuva e de posse de uma filha que a procedencia fizéra feia, coartando dessa maneira á carinhosa mãe, qualquer elogio como detentora de bom ferro de lavrador.

D. Balbina, um mez após a morte do esposo, quando as lagrimas da saudade já não lhe borbotavam espontaneas, contemplou o retrato em tamanho natural e a «crayon» do defunto, pensou na vida, reparou na mostrenguisse da filha, contou as cautelas de penhores deixadas pelo marido numa eterna saudade, olhou os cabelos brancos, mas susceptiveis de mudança de côr com um pouco de paciencia, e pensou no Fernandes da mercearia, um tal que quando o esposo ainda era vivo e o telefone da tenda ainda falava, não se cansava de lhe enaltecer a opulencia embirrativa das protuberancias e lhe dava a entender que, se ela quizesse, estava ali um homem capaz de fazer uma loucura, mais ou menos amorosa.

Ao tempo do seu consorcio com o alferes Martins na egreja do Sacramento, passava por uma das «pequenas mais faladas» em todo o Bairro dos Paulistas, expressão simbolica do gosto da epoca, bôa carne vermelha e roliça, buço significativo ensombrando o labio superior, perna de uma só peça, cada braço uma tranca e um cabelo que solto, lembrava o rabo do cavalo da estatua de D. José I.

Boas côres, mulher para lavar e durar, exemplo sintese da influencia de Rubens, nas predileções amorosas do tempo.

Não deixavam por isso as linguas maldizentes de beliscar a reputação reservada de D. Balbina e até, quando no dia do casamento ela se apresentou de «virgem», um caixarote que era dos «fixes» e constantes na «Sociedade Recreativa Aurora da Liberdade», sustentou que o branco é a feição de todas as cores e que, por essa razão, não se conheciam os variados tons que compunham a honestidade de D. Balbina.

Agora, carregada de luto, D. Balbina vasculhava saudosa a sua existencia, e não descobria estrela que lhe lembrasse dia feliz. Sómente lá muito ao longe, um luzeiro frouxo, lembrava-lhe aquelas trez noites funestas que o marido

tinha passado em Tomar, noites em que os seus ouvidos castos de esposa pouco uzada, tinham escutado os ternos gorgeios d'um sargento-aspirante, que á terceira manhã lhe havia levado uma pulseira de vinte gramas, como recordação d'aquele amor fugaz, criminoso e absorvente.

Resolveu pois tomar uma resolução que afastasse a miseria da porta e lhe desse ao menos jantar assegurado.

Tinha uma casa que era um capital, alugaria quartos e governaria a vida modestamente. Por isso, chamou a filha a capitulo e, no quarto da cama, ambiente propicio á discução dos grandes problemas, tratou-se o negocio:

—Elvira! Não ignoras que teu pae, á parte a conta da farmacia e as dividas, não nos deixou mais nada! Estamos na miseria! Tu não te resolves a casar...

—A mãe bem sabe que eu faço a deligencia, mas os homens são uns trastes que só querem fazer pouco!

—O' filha! Eles de ti nem mesmo pouco querem fazer!

—Então, eu sou assim... muito simples!...

—E's! Infelizmente és simples de mais!

—Então não sei que se hade fazer!

—Sei eu!—e D. Balbina tomou um ar de pessoa entendida—Tenho pensado muito e cheguei á conclusão de que não temos que comer! Ora quando uma pessoa não tem que comer, só tem um unico remedio: E' dar de comer aos outros! Resolvi pôr uma pensão!

—Uma pensão?

—Sim! O Fernandes da tenda tem cára de parvo, e é. Parece-me pessoa decente. Vem cá para casa...

—Fazer o quê?

—Fazer... fazer... respeito! Bem sabes que isto de hospedes precisam de ter alguem que imponha respeito! Tu serves á mesa, meto uma mulher a dias e escrevo para a prima Candida, porque mandando vir as coisas da provincia, sempre saiem mais baratas!

—Acho muito bem!

—Tu é claro, tens que começar a tratar o Fernandes por padrinho!

—Padrinho? Mas porquê?

—Porque... porque vai ser compadre do teu pae e alem d'isso a decencia não fica mal a ninguem!

—Mas... não entendo!

—Então faz de conta!

* * *

A pensão de Dona Balbina é hoje uma das mais concorridas cavernas alimenticias dos Paulistas. Dona Balbina tem dinheiro no Montepio e os comensaes, após dois meses de aturado esforço de mastigação, ou enlouquecem ou sofrem uma raspagem ao estomago, que quasi sempre os liquida em preclarissimos cadaveres. A filha de Dona Balbina já está pedida em casamento, por um sujeito miope que indagou a soma do deposito no Monte-pio, e o Fernandes da tenda, quando alguem lhe comenta o facto, de ser ele o unico comensal que tem bife macio, e dispõe de dois pratos de sôpa, monóloga misteriosamente:

—Eu sempre arranjo cada emprego na minha vida!...

HENRIQUE ROLDÃO

Que diz a isto?

VAI TER AO DOMINGO
POR
2
CORÔAS
UMA EXPLENDIDA NOVELA
A
Novela do DOMINGO

PROXIMIDADE

—Oh! estes horriveis vizinhos de cima, que não param com a musica.
—Tu exageras, filho...
—E' que tu estás muito mais longe de que eu...

A PROPOSITO DE

O IV PORTUGAL-ESPANHA

UM PROBLEMA PALPITANTE E GRAVISSIMO

Profissionalismo? ou Amadorismo?

QUEM escreve estas linhas não tem responsabilidades de clubismo. Escreve de fóra, como espectador que observa, no legitimo direito de aspirar para o seu paiz a sanção justa do seu valor desportivo.

A licção que a Espanha nos deu, no domingo passado, em nossa propria casa, deve servir, pelo menos, para dela tirarmos o melhor proveito. E, não se julgue por estes palavras que essa lição, «malgré» o desaire numerico de Portugal, foi uma lição de tecnica pura —não, referirmo-nos á lição, de estilo, e de classe, que os homens de Espanha forneceram aos seus antagonistas lusitanos.

Achamos mais do que nunca oportuno, necessario mesmo, tratar neste momento aquilo que supômos ter sido o unico causador da baixa marcação portuguesa no Campo Grande.

* * *

Dum lado um pobre electricista, que passa a vida empoleirado numa escada a pregar fios, mal alimentado, mal instalado na vida, com menos duma hora diaria de treino!

Doutro lado um funcionario publico que ganha 2000 pesetas mensais sem pôr os pés no emprego, com medico e massagista assistente, com «duches» e «camping» diario, e treinos á discreção!

Foi assim, nestas condições, que se jogou no Stadium do Lumiar o nome português! E' assim que se entende a equiparação legal da preparação desportiva! Pode-se tomar a serio uma prova em que dum lado estão, «de facto», individuos com ocupações normais na vida, com pessimas condições materiais de existencia, trabalhando em mil ocupações esfalfantes e absorventes, quasi sem treinos diarios e, doutro lado, verdadeiros «azes» do foot-ball, cheios de todos os mais modernos requintes de conforto, de comodidade, de higiene fisica e moral, com chorudas e aparentes ocupações, mas fazendo apenas uma intensa e disciplinada vida desportiva, com treinos regulares e metodicos, gosando todo o bem estar de quem se encontra perfeitamente instalado no mundo, desde a farta e rica alimentação organica até á cultura scientifica indispensavel aos «sportsmen» completos?

Não! Não se pode nem se deve sancionar uma situação de desegualdade de condições materiais, quando no campo a todos se exige o mesmo esforço.

Este problema tem de ser olhado muito a serio—porque a expressão desportiva dum paiz tem hoje um valor social dum largo alcance. As qualidades duma raça podem auferir-se pelas nas classificações olimpicas. O que se está fazendo em Portugal, com respeito á nossa representação internacional, é já alguma coisa em relação ao que se fazia, mas em relação ao que se faz lá fóra tem o ar de mero expediente, debilmente infantil.

Esta ideia de mandar para Montachique os onze rapazes, á engorda, alterando-lhe, embora para melhor, o regimen alimentar, os habitos de vida, o ambiente habitual e até a mudança de fatos, foi, confessemos, de fazer sorrir.

A fulminante certeza de golpe, a agilidade, a segurança de passos, a velocidade, a pontaria, o dominio de todo o sistema nervoso, numa palavra a «classe» dum jogador, qualquer que ele seja, apura-se, em oito dias de ferias colegiais, numa aldeola de bom ar, nos arrabaldes?

E' evidente que não.

Como se adquirem e se augmentam essas qualidades?

Necessariamente por um treino normal e sistematico, orientado scientificamente.

Que requisitos indispensaveis deve ter a vida de todo o «foot-baller» sobre o qual pesam as responsabilidades duma representação nacional?

Necessariamente, pelo menos, o desafogo preciso para um treino seqüente, sistematico e eficaz.

Nós não somos pelo profissionalismo, organisado e comercial—mas somos absolutamente contra o amadorismo pelintra e miseravel, que asfixia as melhores esperanças desportivas. A Espanha, a Italia, a França, mais do que todos a Espanha fazem, profissionalismo encoberto.

A cima de tudo esses paizes procuram manter bem alto o nome do seu desporto, e atravez de todos os meios alcançam o seu fim.

Zamora tem automovel e recebe rios de dinheiro. A Espanha trata-o como um idolo.

Ao que consta o nosso Chico Vieira continua, honradamente sendo estofador... Muito nobre e muito desinteressado—mas muito pouco pratico no fim de contas.

* * *

Daqui se conclue que o «milagre» que fizeram os homens portugueses no Stadium embora fôsse ainda negativo para o «score» nacional — deve pôr-se em foco. Está á porta o Portugal-Italia. É uma grande prova de categoria e de «cartel» mundial—ha que defendê-la. Impõe-se imediatamente, uma preparação intensa, feita com largueza, com escrupulo e com criterio, dos homens que hão de defender as côres portuguesas.

De futuro, os encontros internacionais têm de ser olhados com mezes de distancia.

Os candidatos a esses «matchs» têm de ser separados com tempo, dotados das possibilidades de preparação atletica geral, e da especialisação que se requere.

Não estamos a ensinar o padre nosso ao vigario.

Tudo o que aqui se diz se sabe, mas é preciso dizê-lo ainda.

* * *

Um desafio que pode dar uma receita superior a 200 contos, e que sob o aspecto financeiro é hoje o espectaculo mais largamente compensador — pode preparar os homens que nele tomam parte, sem liberalidades escusadas e sem mesquinharias ridiculas.

Profissionalismo temo-lo nós—com o caracter repugnante de «gorgeta»—(as cem pesetas diarias de Espanha, para cervejas e café...)

Que se tire a hipocrisia de encobertamente *gratificar* os que cumprem *um dever sportivo*, que por si é já uma grande honra.

Nada de comercialisar, com baixezas de esportula, a nobre, dignificadora e superior missão do sport.

Mas—chamem-se os grandes elementos do «foot-ball» português, treinem-e dotem-se as melhores capacidades que hão de manter o nosso nome internacional—de forma a garantir o maximo de preparação—a que pode e deve corresponder—o maximo de resultado!

O Homem que passa

A TAÇA-DAVIS E OS JORNALEIROS

Os directores da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis tiveram com a organisação da eliminatoria da Taça Davis a sua primeira desilusão. Pouco experimentados ainda, supuzeram que encontrariam todas as facilidades nos jornaes, da boa vontade dos quaes dependia, na verdade, grande parte do exito da prova. Mas infelizmente nada tem que vêr para certos jornaes—ou antes para certos jornalistas—a importancia das provas com o destaque que lhes dão. E' assim ha muito tempo... E não é a primeira vez que me insurjo contra este estado de coisas. Esses homens que dentro das secções dos jornaes desiquilibram o noticiario, em harmonia com os seus interesses, não são jornalistas do sport... são jornaleiros... Quem não conhece a engrenagem do systema condena os jornaes que teem apenas a responsabilidade, da tolerancia.

Um grande diario, que pretendeu passar por paladino da causa sportiva, que tem uma pagina exclusiva uma vez por semana, mantem-se mudo e quedo em face d'um encontro com a Italia para a Taça Davis.

Trata-se da mais considerada prova internacional de tennis. A sua marcha é seguida em todo o mundo com interesse. Em Portugal a Federação de Tennis anda de chapeu na mão, pelas redações de certos jornaes, mendigando um reclamesinho... E o sóba da secção, impassivel! A pagina de semana sahe povoada, na sua grande maioria, de noticias para encher... Da Taça Davis, nem palavra.

Contudo na semana anterior, no local d'honra, com estampa alegorica, reclamava-se o combate Albano Martins—Menard! Que sentimento de porporções!

As coisas corriam doutro modo se a Federação tem negociado o reclame por um systema menos cortês mas mais eficaz. Isto sem recorrer á secção de anuncios do jornal...

Não ligue a Federação de Tennis, no entanto, demasiada importancia ao facto. Para a outra vez adopte o processo estabelecido. Por agora pense apenas que a sua organisação foi excelente. O córte foi preparado com cuidado, as instalações para o publico eram comodas, os detalhes da organisação não foram esquecidos, o que tudo deve dar á Federação uma grande tranquilidade de espirito, propria de quem cumpriu com dignidade o seu dever.

O resultado dos encontros não correspondeu ás possibilidades. Os portugueses, que foram dominados nitidamente, podiam ter sido os vencedores, sem exagero. José Verda devia ter batido facilmente Serventi; o par italiano podia ter sido tambem dominado pelo nosso se Verda tem tomado o seu logar; Casanovas bateu de perto Serventi. Em resumo, se J. Verda não tem sofrido o precalço do primeiro dia era muito possivel que a nossa equipe estivesse hoje apurada para o encontro com a França. Apesar da nossa grande infelicidade, o jogo não nos deixou em mau campo, o que é o essencial.

F. GUEDES

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

Na secretaria do Club R. das Pedras Negras, 30, 2.º, acha-se aberta a inscrição a todos os socios que desejem tomar parte no campeonato interno de Sports Atleticos que se realisa nos dias 24 e 31 do corrente no nosso campo em Sete-Rios.

Cinemas, teatros e circos

O nosso formidavel concurso!

EMPATAM

Laura Costa e Auzenda d'Oliveira!

Auzenda estrela divina
Mas que encanto de mulher!
Tem no olhar luz diamantina
Para todos enlouquecer

S. MELLO de SOUZA.

Auzenda tem seductora magia:
E o seu olhar encanta quem passa
Sua, beleza vence, inebria
E'la é a gentil Deusa da Graça.

GUILHERME M. de SOUSA.

Na Auzenda, pela beleza.
Eu hei-de sempre votar
Não há actriz portugueza
Que a possa igualar.

AUGUSTO dos SANTOS.

Os olhos negros brilhantes
Da Auzenda tem fulgores
Que dois astros fulgurantes
Não lhe ganham em primores

P. MEIRELLES.

Dei um ai não fui ouvido
Suspirei ninguem deu fé
O meu voto é p'rá Auzenda
O dela não sei quem é

J. MEIRELLES.

Eu não pensava em votar
Já não consinto esta contenda
Justiça a quem deve ganhar
Mais linda actriz é a Auzenda.

BIBI.

As duas rivais em beleza
Andam lutando ainda
Mas das actrizes portuguesas
É Auzenda que é mais linda

M. de LENCASTRE.

So deve ser rainha
A boneca do S. Luiz
Meu voto a Auzendinha
Essa lindissima actriz.

SALUSTIANO.

Eu voto na Auzenda
Mais linda do que ninguem
Foi uma fada de lenda
Deu-lhe a graça que tem.

X. P. T. P.

A mais bonita e formoza,
Entre as belas a primeira,
Gentil e sem ser vaidosa
E' a Auzenda d'Oliveira.

E. P.

Meu voto aí tem
Para Auzenda o dou
Como ela ninguem
Tanto me encantou.

ANTONELLA.

Envio um voto á Auzenda
Com prazer e alegria
Por ser a mais linda actriz
Cá da minha simpatia.

CARLOS FERREIRA.

Da leiteirinha gentil,
Da moreninha engraçada
Dou o meu voto á Auzenda
Á Frasquita endiabrada.

A votar eu sou um tolo
E voto por brincandeira,
Mas desta vez é a serio,
Na Auzenda de Oliveira

ANTONIO ALVES

POR UMA EXTRAORDINARIA COINCIDENCIA AS DUAS «VEDETAS» OBTEEM RIGOROSAMENTE O MESMO NUMERO DE VOTOS!

Procedemos á contagem dos votos entrados nesta redacção, com o maior escrupulo e isenção, como de resto era natural. Uma e duas vezes contamos e verificamos—não queriamos crer!—Auzenda e Laura Costa obtinham, rigorosamente o mesmo numero de poesias que as votavam, e que eram no avultado numero de *213!* Ao principio supozemos que houvesse erro de contagem, mas em frente de amigos nossos e pessôas idoneas se verificou o que o acaso acabava de proporcionar-nos: o empate de Auzenda e Laura Costa.

As duas gloriosas artistas, de facto dois lindissimos tipos de Beleza, merecem ser realmente destinguidos.

Os premios serão pois *dois!*

As festas de O Domingo ilustrado, serão pois duas!

Uma no Teatro S. Luiz, no ultimo espectaculo da brilhante companhia Armando Vasconcelos. Outra no explendido teatro *Maria Victoria*, no proximo Domingo.

Um entre acto, no qual serão recitadas as melhores quadras, pelos principaes artistas das respectivas companhias, e falarão pelo *Domingo ilustrado*, *Henrique Roldão* e *Leitão de Barros*, pela brilhante revista De teatro, *Mario Duarte*, enaltecendo as artistas homenageadas.

Auzenda d'Oliveira, rainha da Elegancia!

Laura Costa, rainha da Beleza!

ficarão, historicamente como as mais belas actrizes dos nossos teatros no ano de 1925.

Brevemente diremos qual o poeta premiado.

RESUMO DA CLASSIFICAÇÃO COMPLETA DAS SETE ACTRIZES MAIS VOTADAS

Actriz	Votos
Laura Costa e Auzenda d'Oliveira	213
Amelia Rey Colaço	71
Dulce de Almeida	29
Ilda Stichini	12
Maria Corte Real	9
Aura Abranches.	8

Com os gentis concorrentes
eu vou fazer uma aposta
que quem vence este concurso
é a linda Laura Costa

LINA

Não hesito um só momento,
Voto já sem mais aquelas . . .
Todas as Lauras são belas,
Mas a Costa é, um portento.

DR. ALMEIDA

Qual, divinal estrela,
a brilhar p'la formusura
no horisonte da vida,
Laura Cost'és a mais bela
das criações da natura
no teatr'apreciada.

TRAFULHA

Naquele «sonho», é um Cupido
De quem toda a gente gosta,
E por ela estar perdido,
Dou o meu voto á Laura Costa.

X X DE XAVES

Veio gente da «Costa» d'Ouro,
Vieram indios, veio um mouro,
Quasi a Grecia veio em massa
Ouvir a «Laura» cantar
E poder apreciar
Todo o ar da sua graça.

THOMAS COOK

Qual é coisa qual é ela?
Tem'ma figura de fada,
Canta bem, é engraçada,
Do teatro é uma gloria.
Está no «Maria Victoria».
Tem só uns palmos d'altura,
Meio centimetro de largura,
Chama-se Laura e é bela . . .
O meu voto vae p'ra ela,

CENTENO

Que pergunta tão exquisita
Vós me viestes fazer!
Não votando na Laurita
Então em qual ha-de ser?

ROGERIO F.

Será Rainha da Beleza,
Cá nos palcos Lusitanos,
Laura Costa, com certeza,
A mais linda, sem enganos.

PROVINCIANO

Venho dizer com franqueza
A actriz que mais me gosta
Por sua graça e beleza
E' a gentil Laura Costa.

X. P. T. O.

E ésta. Quem dela não gosta
Tão gentil a saltitar
E' bem linda a Laura Costa
Não ha outra a igualar

«JEANETE»

Qualquer Juiz modelar,
Por mais que não queira, instaura,
Processos a quem não votar
Na formosissima Laura.

J. VELOSO

Ó Laura, ó formósa actriz,
Vaes ganhar por poucos, vaes
Coisas do nosso paiz ...
Extranhas, pidamidaes ...

MANUEL JOAQUIM de PAIVA.

Portugal tem boa Costa
E um estadista Costa
Eu voto em Laura Costa;
É da vivinha da Costa . . . . , .

DRAGÃO.

Com este concurso faço uma aposta
E sou capaz de afirmar á toa
Que quem ganha o concurso é Laura Costa
Mas lá por isso não fiques com mais prôa

J. S. D.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

S. Luiz — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos. Grandioso exito de arte e elegancia.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida — Espectaculos pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — Os velhos grande sucesso de toda a companhia Rey. Colaço-Robles Monteiro.

Trindade — Capital Federal—feeries e revistas, sucesso grande. Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

J. Almeida — A «Severa com Palmira. Colossal exito.

Coliseu — Grande companhia de opera italiana. Espectaculos variados todas as noites.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Alguem que conhece á maravilha a vida de bastidores, traçou esta pagina dum pitoresco saboroso e original, onde passa uma figura sentida e vivida, da multidão dos trabalhadores do palco—numa pequena e veridica tragedia intima.

A TRISTE PAIXÃO DO 'AZELHA'

Na roda dos teatros, gente do palco e camarins, porteiros e «habitués» da «caixa», todos conheciam o «Azelha», todos o chamavam quando era preciso ir comprar um maço de cigarros, buscar com ligeireza a sombrinha esquecida em casa, ou levar altas horas os anuncios do dia seguinte, para os jornaes.

Era um pobre diabo, o «Azelha»! Fiel como um cão, quando qualquer actriz ou actor o tomava temporariamente para seu serviço, não havia na sua boca, pessôa de mais profundos sentimentos, de coração mais elevado, que o seu protector. Corriam dias, semanas, e d'ahi a tempos o «Azelha», fazia os serviços a outro não esquecendo contudo, aqueles que lhe tinham dado de jantar durante a sua triste vida.

Viéra, sabia-se lá de onde! Aparecera um dia por ali, a abrir as portinholas dos trens, a entregar cartas ás coristas, a vender coplas das peças em scena.

Ao fim de pouco tempo o «Azelha» era um pedaço do Teatro, uma utilidade indispensavel na vida interna da casa de espectaculos.

Sempre mal pronto, vestindo o que lhe davam por caridade, ora mostrava um casaco enorme arregaçado nas mangas para lhe deixar as mãos livres, ora umas calças curtas e esterlicadas que prontamente abriam rasgões, pouco dando ao «Azelha» que lhe deixassem ver a pele escura, coberta de pelos sujos, manchada por cicatrizes de quédas e pedradas.

Tão pouco ele sabia como tinha vindo ali parar. Calhou.

As raparigas dos côros, eram bôas para ele.

De quando em quando, por uma carta não recebida a tempo, ou por um recado mais demoradamente feito, davam-lhe descomposturas, riam-se da sua tibieza de gestos, da sua tartamudez exquisita quando querir explicar qualquer falta, mas, prontamente, tudo passava, e o «Azelha» continuava a subir e a descer as escadas, no carrego das cervejas e dos cafés.

* * *

A Dona Adelina tinha-o tomado para o seu serviço. Agora o «Azelha» andava de camisa mais lavada, as nodoas eram em menor numero no fato, e, em vez das sapatorras esburacadas e sem saltos, andava com uns sapatos grosseiros, mas concertados.

O rapaz que vivia com a Dona Adelina, o Sr. Ferrão dos automoveis, não desgostava dele. Muitas vezes mesmo quando o Sr. Ferrão tinha de sahir de Lisboa por causa dos negocios, era o «Azelha» quem acompanhava a Dona Adelina a casa, altas horas da noite, entretendo-a pelo caminho com historias de uma simplicidade parva, fazendo-se valente quando ela falava em ladrões, muito ufano por ir ao lado d'ela, com a caixa dos chapeus enfiada no braço, deitando olhares rancorosos para os que se ficam a olhar para traz, vendo-a passar.

O «Azelha» vivia feliz. A Dona Adelina dava-lhe de comer todos os dias, e tinha-o auctorisado a dormir na casinhota do quintal, de mistura com malas e moveis partidos. Só nma coisa o arreliava. As zangas da Dona Adelina, sempre que ele lhe aparecia com as

O Azelha era um pobre rato de palco . . .

unhas negras de lixo ou o casaco manchado de nódoas. Era uma matação constante porque ele ás vezes, cheirava mal.

E sempre que o Sr. Ferrão precisava de qualquer coisa, de um embrulho a levar ou de um recado para a «garage», lá vinha um trocosinho alegrar as algibeiras rotas do «Azelha», auctorisando-o a dar a sua fumaça pachorrentamente, encostado pelos cantos do palco, em falacia com a gente do movimento, que gostava de o ver «afinado» e a ameaçar com navalhadas traiçoeiras qualquer um que tivesse a pouca vergonha, de dizer mal da Dona Adelina.

Ela chamava-o, recomendava-lhe juizo e, sorrindo disfarçadamente, para os outros, ameaçava-o com o abandono, com uma queixa ao Sr. Ferrão, com a prohibição formal de entrar mais no seu camarim.

* * *

Uma noite, quando o «Azelha» esperava á porta da «caixa» pela Dona Adelina, esta passou rapida, abotoando febrilmente o casaco de peles, sem o vêr. O Sr. Ferrão tinha sahido no intervalo e parecia que antes, houvéra discussão no camarim.

O «Azelha», chegou-se á D. Adelina:

—Vae já para casa?

—Não! Deixa-me!

—Mas então . . . O Sr. Ferrão não vem?

—Deixa-me já te disse! Só faltavas tu para me arreliar!

—Mas ó Dona Adelina, eu . . .

—Mau! Desaparece da minha vista! Olha que eu já não estou nada boa!—e atravessou a rua, quasi a correr, deixando o «Azelha» no meio do passeio a olha-la parvamente.

E agora onde iria dormir!? A Dona Adelina estava zangada com o Sr. Ferrão, ele não tinha coragem de ir bater á porta sem mais nem mais!?

Voltou ao teatro. Sahiam as ultimas coristas e o «Fiel», de lanterna na mão, fechava a porta, para passar a vistoria e deitar-se, que eram já perto de hora e meia.

O «Azelha», sem saber que fazer á vida, vagueou longas horas pelos cafés, que pouco a pouco fechavam, deixando a cidade entregue a um silencio pesado.

Uma chovinha miuda, fria e penetrante como agulha, encharcava tudo, fazendo luzir, sob os lampeões da Praça dos Restauradores, o vidraço dos passeios.

A tremelicar de frio, as mãos vermelhas de frieiras encafuadas nos bolços, o «Azelha» procurou na negrura de um portal, um abrigo contra a chuva que cahia, n'uma cruel negaça ao seu destino. E no recolhido da sombra, o corpo todo a tremer de frio e de febre, o «Azelha» deu consigo a chorar baixinho, sem saber porquê! . . . Qualquer coisa lhe queimava o pensamento, qualquer recordação, qualquer ideia que o «Azelha» não sabia explicar, mas que o obrigava a levar a manga aos olhos, a enxugar as lagrimas que lhe queimavam as faces, sobre o gelado agreste da noite.

* * *

—Anda cá «Azelha»! Temos umas contas a ajuntar!—e a Dona Adelina fechou a porta do camarim—Vamos lá a saber: Porque é que tu não vaes onde te mando??

—Eu?! . . .

—Não te ponhas com coisas! Ha

Enquanto D. Adelina se pintava no camarim...

quinze dias que estou mal com o Sr. Ferrão por tua causa!

—Por minha? . . .

—Sim! Eu não te mandei na quinta feira da outra semana, levar a carta ao escritorio?!

—Da outra semana?! . . .

—Não te façes parvo! E as outras!? Porque não levaste as cartas que te mandei?!

—Mas eu! . . .

—O Sr. Ferrão nunca mais me apareceu porque estava á espera de carta minha! E como não recebeu nenhuma...

—Mas ó Dona Adelina eu . . .

—Mau! Mau! Então é assim que tu pagas o bem que te tenho feito, hein?! Veres-me a chorar de dia e de noite, porque ele não me aparecia, e tu...

—Eu . . .

—Com as cartas na algibeira! Felizmente que ele hoje foi a minha casa, e disse-me que não tinha recebido nada! Ora foste tu que não entregas-te nenhuma das cartas que lhe escrevi! E vinhas então c'oa *pala* que ele dizia que estava entregue!

—Oh! Dona Adelina pela sua saude! . . .

—O que tu precisavas sei eu! Mas deixa que não será a filha da minha mãe que cae em outra! E vou já dizer á empreza para não te consentir cá no Teatro!

—Perdão! Dona Adelina, perdão!...—e o «Azelha» ajoelhou chorando.

—Mas porque é que tu não entregavas as cartas ao Sr. Ferrão?!

—Porque . . .

—Porquê?

—Porque . . . porque . . . gosto muito de si; Dona Adelina! Porque estou apaixonado por si!—e o «Azelha» soluçou convulsamente, numa grande dôr.

Uma gargalhada aguda estalou e a Dona Adelina, de boca aberta a mostrar os dentes brancos, veio para o corredor:

—Ó Ernestina!! Ó Ernestina!?

—Que é!—disse a outra do camarim.

—O «Azelha»!—e a Adelina ria como louca—O «Azelha» que me fez uma declaração d'amor!

Em volta, o pessoal do palco comentou a frase com uma gargalhada violenta. No camarim, o «Azelha» enrolou-se mais, soluçando sob a bancada.

—Ora o «Azelha»!

—O diabo é ele!

—O escomungado não é «trouxa»!

A Dona Adelina, cançada de rir, entrou de novo no camarim:

—Ora o «Azelha»!—depois vendo-lho o movimento dos hombros provocado pelo soluçar continuo, abriu a malinha de seda e tirou uma nota de vinte mil reis.

—Vamos deixa-te disso!—e batendo-lhe com o pé—Toma lá e tem juizo!

O «Azelha» levantou-se a pouco e, olhou a nota que ela lhe estendia na ponta dos dedos.

—Vá! Toma lá e sae, porque já deu o segundo sinal, e ainda não me pintei!

O «Azelha» enxugou o nariz, recolheu a nota, soluçou um «muito obrigado Dona Adelina» e passou por entre os «carpinteiros» e «comparsas» que lhe deram encontrões de troça;

—Está apaixonado!

—Ora o palerma!

—O raio é ele!

* * *

—Que será feito do «Azelha» que nunca mais apareceu no Teatro!?

—Se calhar anda a curar a paixão pela Adelina!

—Coitado!

E nunca ninguem mais soube o que fôra feito do pobre «Azelha» desde aquela noite . . .

H. R.

A VIDA DAS ESCOLAS

NO LICEU DE PEDRO NUNES

Um grande estabelecimento de ensino—O ambientee a vida escolar—Anedoctas e historia—Associações academicas—Os alunos notaveis—O Dr. Sà e Oliveira e a sua obra.

O antigo e notavel professor de ensino secundario, Sr. Dr. Eduardo Andrea.

A vida das escolas, em Portugal, não é alegre. A creança portuguesa, que nós metemos á força num «colegio particular para ambos os sexos», um quarto andar de varanda corrida e taboleta, tem horror a essas desgraciosas quatro paredes onde a encerraram o dia inteiro e onde lhe ensinam animais e plantas, países historia e sciencias, atravez de livros inexpressivos e somnolentos ou de enjoativos mapas mudos. Ora sucede que no Liceu Pedro Nunes, por rara e feliz excepção, o aluno leva uma feliz vida escolar, onde com pequeno esforço pode conseguir uma educação completa e moderna, desde a cultura fisica regular e metodica até o ensino pratico, intuitivo e experimental, das sciencias da natureza e do espirito.

E como quer que essa escola seja risonha e franca—como a da poesia alsaciana—lá foi bater o «Domingo ilustrado» procurando arquivar nas suas paginas todas as notas de pitoresco da nossa vida social. Uma escola?!

Pois terá uma escola assumpto para uma reportagem? E' o que se vae ver:

OS PROFESSORES

ALGUMAS ANEDOCTAS

Possue o antigo liceu da Lapa, no seu corpo docente, excelentes capacidades, desde o actual Reitor, até ao antigo e tão pitoresco tipo de professor secundario dr. Adolfo Sena. Quantas gerações têm conhecido o gordo prof. Eduardo Andrea, o magro e curvado prof. Cirilo Soares, o dr. Eça d'Almeida, coradinho e calvo como uma bola de bilhar, o dr. Agostinho de Campos, pequenino e vivo, o prof. de geografia Schwalbach, arguto e fino, e tantos outros, que ali tem passado o melhor da vida, nessa ingloria, ingrata e rude tarefa de ensinar rapazes.

Historias, anedoctas da vida liceal? Mas quantas, Santo Deus! Vejam esta com o prof. Eduardo Andrea:

O antigo lente liceal e professor da Universidade é, sem duvida, um dos grandes professor do nosso ensino secundario. Sobretudo nas aulas de 6.ª e 7.ª classe, a finura, a delicadeza com que expõe algumas das noções mais delicadas da fisica ou da matematica são notaveis Sucede porem que algumas vezes é especialmente de verão a sua fatigante vida tra-lo exausto. Chega ás aulas meio morto. Certo ano em que dava quimica numa turma de 7.º ano, chegava sempre á 3.ª feira, depois d'almoço, cheio de somno. O calor, a comida que lhe dava na fraqueza, tudo se predispunha para aquela fatal quimica da 3.ª feira, onde o pobre professor Andrea fazia equilibrios tragicos para não dormir.

Certo dia chama um aluno. Manda-lhe escrever a benzina e seus derivados—meia hora de formulas. E depois, surrateiramente põe-se a dormir enquanto o aluno escreve.

—Prompto! diz o aluno. O professor desperta de repente, mas não perde a linha, e sem olhar a pedra: «Demonstre que as potencias dos numeros maiores que um crescem com o expoente!

—Estamos em quimica, returque o aluno.

—Ah! Desculpe, é que acordei em matematica—diz num sorriso bom o professor.

* * *

Outra do mesmo lente.

Num exame: Diga a formula da parabola! O aluno não sabe. Ao longe sopram-lhe a equação da curva. Mas ele não a houve completa e repete a medo: P. X.... P. X. e não sae disto em cinco minutos. Oh! senhor, despache-se, berra-lhe o prof. Andrea—ao menos diga «xispe»...

* * *

E, está assim cheia de pitoresco a vida das escolas. Não só já da parte dos mestres, mas mesmo dos pequenos, surgem as vezes respostas a tempo, que sem envolverem faltas de respeito, apenas denotam vivacidade de espirito e inteligencia. Vem a talhe de fouce referir a saida dum garoto vivo e esperto, que é já hoje um distincto medico e que, no Pedro Nunes fez a sua carreira:

Numa aula, o aluno, um petiz de 10 anos, traquina, está desinquieto. O professor: olha que tu se continuas assim, apanhas uma falta na aula e um mau comportamento. Logo o pequeno: Oh senhor professor se eu apanho falta na aula como é que posso ter mau comportamento nela?

* * *

A Associação Academica do Pedro Nunes e modelar. Creou-a o antigo reitor Dr. Sá e Oliveira e por ela têm passado os melhores elementos do antigo liceu da Lapa—entre outros os medicos distinctos Drs. Antonio de Menezes, Simões Raposo, Assis de Brito, Luiz Filipe Quintela, João Correia. Roberto Chaves Maciel, Macieira, etc, etc; advogados como o dr. Ramada Curto, Bustorf Silva, sportsmen como José Pimenta, Ribeiro dos Reis, Bessone Bastos, Ayala Monteiro, o aviador Emilio de Carvalho; artistas como Cottinelli Telmo, Montez, Leitão de Barros, Barata, o pianista João Queriol, e até o actual governador civil de Lisboa, dr. Filipe Mendes, foi menino do liceu de Pedro Nunes...

* * *

Hoje a prestigiosa Associação Academica é dirigida pelos estudantes Jaime Fogaça, Antonio Cabral e Rui Miranda, e continua modelar. Possue um mensario: «Tribuna Academica» que o estudante Simões Müller orienta.

O actual reitor do liceu, o ilustre professor Dr. Gonçalves Braga.

* * *

Dirigido o estabelecimento pela sabia orientação de Sá e Oliveira chegou o Pedro Nunes á maior altura como estabelecimento de ensino secundario. Hoje, entregue ao dr. Gonçalves Braga mantem a sua antiga reputação sendo, de certo, das melhores casas de educação que possuimos pois tem magnificas instalações e um corpo docente competentissimo e onde está o escolhido professorado secundario.

A. de C.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Por imperiosa necessidade de paginação, retiramos deste numero a parte referente ao nosso concurso de football, que tão grande exito tem alcançado entre os amadores deste «Sport». Jorge Vieira tem obtido grandes votações.

Grupo geral dos alunos das cinco primeiras classes do Liceu Pedro Nunes

«O dia de Carlos Reis»

CARTA AO GLORIOSO MESTRE

O grande mestre da pintura portuguesa, Carlos Reis, que uma impoluta vida artistica ha muito consagrou, tem agora a homenagem de todo o Paiz. A ela se associa o «Domingo o ilustrado» onde Carlos Reis conta admiradores sinceros da sua grande arte como do seu nobre caracter. A figura cheia de prestigio do venerando pintor que é já hoje acompanhado por seus filhos, numa digna sequencia do mesmo espirito de arte, merece todas as honras. Que Carlos Reis, para honra da Arte portuguesa, possa, ainda por muitos anos, ensinar com o seu nobre exemplo as gerações que vêm vindo.

Meu grande amigo
A esta distancia enorme,
na aldeia em que enlevado me detive,
creia que a minha admiração não dorme;
a vida muda, sem que se transforme
a maneira de ser de quem a vive.

E ainda que eu quizesse, ou que, esquecido,
O seu dia me não entusiasmasse,
— como o coroar de um monumento erguido,
como um glorioso beijo merecido
que o destino não quiz que lhe faltasse,

impossivel me fôra, em plena Beira,
em pleno coração de Portugal,
não recordar quem de uma tal maneira
tem a belleza de uma patria inteira
por timbre de uma obra collossal.

* * *

Da janella do quarto em que lhe escrevo
vejo uma encosta de centeio loiro.
Em baixo, o milho: um trémulo relêvo
a despontar... E as hélices do trêvo.
E o «Gidro», que os giestaes cobriram de oiro...

No outro extremo, um enorme castanheiro
corta, em frente da casa, o horizonte.
E a sombra em que brincou Thomaz Ribeiro
segréda os lindos versos de Junqueiro
aos cântaros que passam para a fonte.

Metendo-me no quarto de dormir
como um bicho de sêda em seu casúlo,
só não verei, se a névoa o prohibir,
pinhaes que como escravos de um Emir
rastejam junto aos pés do Caramullo.

Para traz, da varanda carcomida,
vê-se, á direita. a alvura da capella.
Adeante, a vinha velha, enverdecida;
mais adeante, a pujança da «rompida»,
depois, um valle imenso; — e ao fundo, a Estrella.

Todos os dias, á hora do jantar,
o pateo se enche como um adro em festa.
E ha cabecitas de anjos, a palrar;
vultos curvados para amamentar;
corpos cançados, a dormir a sesta.

Em tudo, em toda a parte, a cada instante
a vida assume um rithmo de Belleza:
—de que a cidade vive tão distante
nesse ardor falsamente deslumbrante
com que mascára oceanos de tristeza...

Já vê pois que, afastado muito embóra,
poucos o acompanharam mais do que eu;
eu que passo os meus dias, hora a hora,
numa eterna visão que me enamóra,
tendo em cada janella um quadro seu!

PARADA DE GONTA, 22-5-1925

TAÇO

O Charadista

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Os Palmas—Africano—Rei Móra—Pechincha—Rei do Orco—Rei Fera—Pato & Bigas, L.da—A. Satrop—Bayart—Néné—Baeta—Avlis—Sentinela & Gomes.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 17.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Franciscanada.
Charadas em frase: Anafaia—Bisnau—Alvoroto.

—

ENIGMA

(por silibas)

(Oferecido ao charadista *«Avlis»*)

A segunda e mais a prima
Sem haver outra junção,
Forma cidade famosa
De asiatica região.

Com a terceira e a quarta.
Pode o colega formar,
O nome d'uma mulher,
Sem ser Rosa nem Pilar.

Mas se ao tôlo lhe tirar
Uma letrinha qualquer,
Hade ver que se transforma
N'outro nome de mulher.

Coloque as letras em fila;
Vamos o tôdo formar,
Antes que esta linda flôr
Possa de tôdo murchar

AFRICANO

CHARADAS EM FRASE

Na minha quinta houve grande refrega entre os carneiros por causa d'uma plantação de couves—2—2.

REI FERA

Moeda estrangeira, apelido e nome proprio.—2—2.

SOBRAC OTNIP

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

CONSULTORIO PRATICO

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

OFELIA:—Sports que desenvolvam cinco senhoras? Pois não. A que tem dezoito anos, deve praticar o «tennis». E' elegante e desenvolve muito as barrigas das pernas. A que tem 13, deve aprender natação porque de pequenino é que se torce pepino e é muito bonito uma mulher levantar-se todos os dias. A de vinte anos deve aprender «box». Está na edade propria para casar e hoje é muito apreciada a pancada domestica. A que fez trinta e um deve dedicar-se á corrida para vêr se ainda agarra um homem que case com ela e a que tem cincoenta e dois deve escolher a aviação, subir a oito mil metros, e atirar-se de cabeça, porque não ha direito de existirem velhas.

DOLLY:—Quando se está apaixonada por um quintanista de direito e se tem vinte anos, o remedio é juizo e cabeça fresca.

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

Pagina feminina

Carta de Paris

Côres claras

QUANDO o sol sorri—o que já está tardando um pouco—e o ceu é azul e primaveril, a moda, para as mulheres elegantes é, agora, o adornarem-se com côres claras e frescas. As côres escuras estão inteiramente postas de parte. Se o preto surge uma ou outra vez é aliado a um colorido que contrasta e o faz resaltar mais. O vestido de passeio em setim, crêpe de china ou «marocain», todo preto, não é já indispensavel n'um guarda-fato feminino. Não que o preto seja uma côr ingrata. Muito ao contrario. Foi e será sempre extremamente distincto! Mas a primavera e o verão necessitam de coloridos mais claros e as mulheres parecem mais novas dentro de vestidos de crêpe estampado de côres vivas. Mais encantadoras de mocidade e de frescura, elas assumem um aspecto de desafio quc lhes fica a «matar». Paris está cheia destes vestidos, leves como uma aragem primaveril.

Para a noite ha a mesma tendencia para os vestidos claros, o que é, de resto, muito logico, porque se a luz do dia exige mais discreção, pelo contrario, á noite, o brilho das lampadas permite uma maior ostentação de coloridos e de elegancias.

Se, por acaso, se deita um olhar de conjunto para uma reunião de mulheres elegantes numa «soirée» mundana, tem-se a impressão nitida de avistar um arco-iris de sonho, no qual se confunde uma farandola de tons delicados e brandos.

Algumas casas de costura parisienses tentaram um ensaio para vestidos em tons da mesma côr, indo, por exemplo, do encarniçado ao tom da areia, do azul forte ao azul pervinca, etc., passando por todas as nuances intermedias. Serão seguidos nesta tentativa? Fantasia interessante, sem dnvida; mas muito mais prefesivel o verdadeiro vestido da «soirée» bordado, adornado com perolas de crystal ou de «strass».

Algumas «toilettes» bastante numerosas, feitas de dois tons (rosa claro, rosa forte, por exemplo) são duma harmonia encantadora. O azul reaparece de novo. Tinta dificil entre todas de usar—á noite, sobretudo. Não é linda senão com a condição de ser duma infinita doçura. De tarde, fica bem aliada ao branco; á noite, ao ouro velho ou á prata oxidada.

A uniformidade destas ultimas estações não existirá mais: é essa a tendencia geral. Os creadores da moda fizeram um real esforço em busca do inedito, e cabe ás senhoras, agora, a vez de os ajudar na sua tarefa, procurando vestuarios o mais originaes possivel.

As rendas

Com exclusão do vestuario masculino que vestimos de manhã, os vestidos de passeio ou da noite tendem para formas mais complicadas, mais minuciosas. O emprego dos tecidos leves é a principal causa disso. E ha numerosissimas creações que as mulheres faceirás deverão saber escolher, apropriar, segundo o seu genero, ao typo que melhor lhes convier.

Como sucedeu com a pluma de avestruz, que triunfa de novo hoje, a renda, posta de lado durante muito tempo, voltou á moda.

O alargamento da saia é-lhe infinitamente favoravel. Graças a ela, os vestidos para dansar adquirem uma leveza e um «flou» deliciosos. A renda emprega-se em fólhos—e até em plissados. A sua transparencia comunica aos hombros um encanto perturbador e os coloridos delicados que lhes dão, renovaram agradavelmente a sua riqueza.

Nem sempre se usa a classica renda. Por vezes o aço, o oiro, a garota tornam-na mais pesada, sem lhe tirarem nada da sua adaptabilidade. Emfim, a renda de seda e a «guipure» de «lacets» empregam-se muito para os proprios vestidos de passeio. Casada com «crêpe» Georgette e a mausselina de seda. a renda é um dos mais lindos adornos que se podem sonhar. Ela corrige em certo modo a austeridade de certos córtes agora um tanto em favor.

A resistencia aos microbios

Tem-se sempre pensado que para nos defendermos contra a maior parte dos microbios e em especial contra aqueles que, de ordinario, envenenam as feridas, bastava empregar antisepticos energicos. Começa-se hoje a reparar que muitas vezes o melhor antiseptico é fornecido pelo proprio organismo, cujos humores têm todos, em qualquer grau, a propriedade de matar os microbios. Ora, esta propriedade tão preciosa pode, ao contrario do que se supunha, tornar-se mais eficaz por certos processos. Eis aqui uma prova contada recentemente por sabios americanos.

Num instituto Rockfeller, os ratos reservados ás experiencios eram alimentados por uma forma banal, que até então se mostrara sem vantagens nem inconvenientes especiaes. Entretanto, depois de certas constataçoes, alguem pensou se um alimento mais bem estudado não daria outros resultados. Ora, verificou-se que com a nova alimentação os ratos se defendiam muito melhor de que os outros contra o microbio duma especie de tifo que lhes faziam ingerir.

Naturalmente, essa alimentação especial que convem aos ratos não servia para o homem. Não haveria, pòis, conclusão pratica a tirar disto se alguem, na mesma ordem de ideias, se não lembrasse de procurar em doentes com chagas, a influencia dum regime especial. E essa averiguação deu excelentes resultados.

Viu-se que uma alimentação rica em acidos diminue manifestamente a supuração das chagas e activa a cicatrisação. Pelo contrario, uma alimentação rica em alcalinos augmenta a supuração e retarda a cicatrisação.

A conclusão que ha a tirar destas observações é que em caso de queimadura ou doutra chaga de certa extensão, é conveniente comer de preferencia carne, gemas de ovos, ostras cereais diversos e especialmente pão e legumes sêcos. Todos estes alimentos, com efeito, são conhecidos por augmentarem a acidez do organismo. Ao contrario, a maior parte dos frutos e dos legumes deverão ser, pelo contrario, ministrados em proporção reduzida.

O uso do talco

Ha muitas pessoas que usam o pó de talco em certos casos, mais pelo perfume e pela carestia do pó de arroz do que por saberem as vantagens do uso do pó de talco. E, todavia, essas vantagens são evidentes por vezes.

Assim, nas creanças de idade muito tenra, quando a péle ainda não possue a resistencia precisa para não se ressentir duma humidade quasi constante, é utilissimo o uso do pó de talco para as creanças não se «cortarem», como se diz vulgarmente, porque este pó faz uma especie de camada por cima da pele e não a deixa ressentir-se da humidade. Da mesma forma, nos adultos e sobretudo nas senhoras gordas, principalmente de verão, para impedir os maus resultados da transpiração excessiva, o uso do talco é excelente pelo mesmo motivo.

Mas é preciso reflectir: se se trata de prevenir o caso, o simples pó de talcó perfumado basta. Mas se, por falta de cuidado, ha já na pele qualquer «assadura» ou inflamação, então é preferivel empregar o «Pó de talco boricado», que dá magnificos resultados.

Tanto um excelente «Talco perfumado», comparavel aos melhores talcos americanos, como um magnifico «Talco boricado», preparado segundo os preceitos scientificos, encontram-se na série incomparavel dos «Produtos Marya», creação da «Perfumaria da Moda», na rua do Carmo, 5 e 7.

CELIMÈNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 17

	Brancas	Pretas
1	3—14	4—8 (a)
2	16—23	8—4
3	23—12	4—11
4	12—26	11—8 (b)
5	13—22	8—25
6	14—21	25—30
7	26—12	29—25
8	21—17	
	Ganha.	

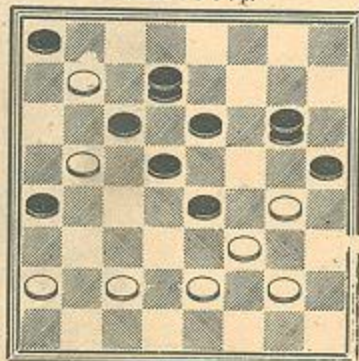
(a)

1		29—25
2	14—18	4—22
3	13—26	

(b)

4		29—25
5	26—22	25—18—9
6	13—2—16	

PROBLEMA N.º 18

Pretas 2 D e 7 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 16, os srs. Abrantes e Silva, Antonio Nêné Junior, Armando de Campos, Artur Malheiro, Artur Santos, Eugenio Leal, José Brandão, Dr. Kibi, Raul Machado e Soeiro da Silveira.

O presente problema foi-nos enviado por um amador, que assigna «um aprendiz». Os mestres lhe apreciarão o trabalho.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 18

Por F. Gamage (1.º premio)

Pretas (9)

Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

Solução do problema n.º 15

1. R 4 B R / R. joga — 2. R 3 R / R joga — 3. R 4 D mate

1. — / P 4 D — 2. R 5 B / R x C — 3. R 6 B mate

Solução do Problema n.º 16

1 T. 4. C. D.

Errata do Problema n.º 17 mate em tres lances.

Resolveram os Problemas n.º 15 e 16 os srs. Nunes Cardozo, capitão Elias Garcia (Faro), Afonso Moutinho, Sueiro da Silveira, Dr. Damas Móra e Mota Ribeiro (Porto) Sob a direcção de Gaston Legrain, Paris 14, rue de Rome (8.e) acaba de publicar-se Les cahiers de l'Echiquier Français, 1.º caderno de 1925 ao preço excepcional de 1. fr. 50. Por assinatura quatro cadernos 12 fr. muito curioso para o amador contem artigos sobre Philidor, Psicologia do jogador de xadrês, curiosidades do taboleiro, problema Rex solus etc.

Actualidades gráficas

NO LICEU DE PEDRO NUNES

Grupo dos alunos da 6.ª e 7.ª classes do Liceu de Pedro Nunes, entre os quais se encontram filhos das principais familias de Lisboa.
Os alunos posaram para o nosso fotografo nas escadas do Jardim Escola João de Deus, outra bela instituição de ensino que se deve ao notavel pedagogo João de Deus Ramos.

ACTUALIDADES NAS LETRAS

AUGUSTO DE SANTA RITA, o notavel poeta, auctor do livro que acaba de sair: «Auto da Vida eterna», que obteve grande sucesso de livraria e de critica.

Actualidades desportivas — O IV Portugal — Espanha

A formidavel equipe espanhola que jogou no Stadium contra o «team» português, derrotando-o por 2 goals a 0.

A troca dos ramos simbolicos entre os capitães dos «teams» português e espanhol, Srs. Jorge Vieira e Samitier.

(Clichés Raul Reis)

PUBLICIDADE

A MARCA PREFERIDA PELOS CONHECEDORES. — CENTENAS DE REFERENCIAS. — STOCK COMPLETO DE SOBRESELENTES PARA ESTES CARROS.

C. SANTOS, L.DA

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º
LISBOA

Brevemente

A novela do DOMINGO

LEITURA FACIL
LEITURA ALEGRE
LEITURA PARA
TODAS AS CLASSES
LEITURA PARA
TODAS AS EDADES

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

Os ultimos modelos da moda encontram V. Ex.as na

CASA DAS CARTEIRAS, L.DA

100, RUA DA PRATA, 100
LISBOA

Confrontai Preços

GABARDINES — KAKIS — COTINS NACIONAIS E ESTRANGEIROS PARA FATOS DE VERÃO

LANIFICIOS

LANIFICIOS

TECIDOS LEVES E DE NOVIDADE. SETINS PARA FORROS. SARGELINS. NOS **GRANDES ARMAZENS DA BEIRA** *Lisboa, 20-22, R. Retroseiros, 24-26*

PERES & ABRANTES, SUCS.

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11
LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

O A B C-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa francesa — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267

39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53
LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

QUER CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE

LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

Dr. Octaviano de Sá

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

(Cliché Garcez)

Fase emocionante do IV Portugal—Espanha

Momento em que Jorge Vieira, o formidavel "defeza" do onze nacional, se choca com o seu antagonista hespanhol, salvando as redes portuguezas. Ao fundo o grande jogador João Francisco segue a trajectoria do esférico.